manchete

Diário Notícias

05-07-2013

Periodicidade: Diario
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 56361
Temática: Política
Dimensão: 2839
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/2 a 5

OS DIAS DA CRISE POLÍTICA

Belém pressiona Paulo Portas

Reunião
Cavaco Silva não exigiu que Paulo Portas se mantivesse no Governo. Apenas que o presidente do CDS esteja no Executivo

Congresso
Posição da Presidência 'obrigou' CDS a adiar o conclave agendado para este fim de semana na Póvoa de Varzim

Incógnita
Paulo Portas poderá ser obrigado a optar entre manter a demissão do Governo ou abandonar liderança do CDS

Socialistas
António José Seguro diz que coligação está a "brincar com a vida dos portugueses" e garante ir apresentar "governo coeso"

ATUAL PÁGS. 2 A 14
E EDITORIAL PÁG. 18

Passos Coelho passou mais de duas horas em Belém. Primeiro a audiência com o Presidente, depois a reunião do Conselho de Defesa Nacional

STEVEN GOVERNO / GLOBALIMAGENS

manchete

Diário Notícias	Periodicidade: Diario	Temática: Política
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 2839
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
05-07-2013	Tiragem: 56361	Página (s): 1/2 a 5

Negociação. O primeiro-ministro esteve reunido três vezes com Paulo Portas para alcançar um novo acordo de coligação. Mas à tarde chegou a Belém apenas com a garantia de que existe vontade dos dois partidos para manter a "estabilidade do Governo". Cavaco Silva não exigiu que o demissionário ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros fique no Executivo, mas deixou claro que é necessário garantir a presença do líder do CDS no mesmo. O que coloca Portas num dilema: ou aceita permanecer no Executivo ou sai de cena no congresso do CDS, que foi desmarcado menos de um dia antes de acontecer

GUSTAVO BOM / GLOBAL IMAGENS

Pedro Passos Coelho não levou ontem a Belém uma solução fechada para ultrapassar a crise na coligação de Governo

Cavaco troca as voltas a Portas e obriga-o a tomar decisão

Presidente da República não exigiu que Portas se mantivesse no Governo, mas sim que o "presidente" do segundo partido integre o Executivo. Posição de Cavaco Silva obrigou populares a adiar congresso previsto para o fim de semana

CARLOS RODRIGUES LIMA
NUNO SARAIVA e PAULA SÁ

De agente provocador de uma crise política, Paulo Portas bem pode tornar-se a principal vítima dela. Durante o dia de ontem, foi veiculado que Cavaco Silva exigiu a presença de Portas no Governo para aprovar uma "nova fórmula" que mantenha estabilidade da coligação apresentada por Pedro Passos Coelho, a verdade é que Belém não o fez.

O que terá sido dito pelo Presidente da República ao primeiro-ministro tem uma *nuance*, confirmada ao DN por um responsável governamental: Cavaco Silva considerou importante não a inclusão de Portas no Governo, mas sim do "presidente do segundo partido da coligação". Ontem, ao fim da tarde, o líder do CDS e os seus colaboradores mais próximos fecharam-se no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em cima da mesa estavam dois cenários: ou Portas voltava atrás no pedido de demissão e tentava ganhar um novo fôlego no congresso que devia decorrer este fim de semana, ou abandonaria a liderança do partido, abrindo caminho a um novo líder que pudesse assegurar a estabilidade governativa "duradoura", como é defendida no Palácio de Belém.

O DN sabe que o Presidente da República nunca terá mencionado nomes na sua detesa de um "Governo estável". E por duas razões: falar no nome de Paulo Portas, em vésperas de um congresso do CDS, poderia representar uma "ingerência" na vida interna do partido que vai eleger um novo líder; e porque a demissão do ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros não foi aceite pelo primeiro-ministro e, como tal, não foi apresentada ao Chefe do Estado. Formalmente, o líder do segundo partido da coligação mantém-se no Governo. O cenário de um apoio governamental suportado num acordo de incidência parlamentar não não terá sido visto com bons olhos pelo Presidente, dada a fragilidade política do mesmo. Cavaco Silva já teria dado disto conta a PSD e CDS, remetendo para segunda-feira o início das reuniões com os partidos – PCP, Bloco de Esquerda e "Os Verdes" serão os primeiros e, em uníssono, reclamarão a realização de eleições antecipadas

Ganhos

Passos Coelho

› **Estabilidade** Apesar de a crise atingir um governo por si liderado, o primeiro-ministro surgiu como uma "vítima", pondo o ónus da turbulência no parceiro de coligação. Junto da opinião pública, Passos surgiu como alguém que queria resolver o problema.

Paulo Portas

› **Futuro** No futuro próximo, o líder do CDS sempre poderá tentar capitalizar a sua demissão, dizendo que não concordava com o rumo das políticas do Governo, sobretudo orçamentais, e saiu em devido tempo para não estar presente numa eventual queda abrupta.

Perdas

Passos Coelho

› **Efeitos** A crise política veio juntar-se à crise de governação. Também caíram por terra as declarações públicas e coesão e entendimento perfeito na coligação. De pequenos abanões em pequenos abanões, a coligação pode, um dia, simplesmente partir.

Paulo Portas

› **Resultados** A manhã de quarta-feira mostrou como as crises políticas têm efeitos nos mercados e nas taxas de juro da dívida pública. Com um programa de ajustamento em curso, Portas pode ser responsabilizado por criar mais instabilidade.

Congresso do CDS adiado

Perante aquele roteiro traçado por Cavaco Silva para a aprovação presidencial de uma nova coligação, um alto dirigente do CDS admitiu, ontem, ao DN, a possibilidade de adiamento do congresso – agendado para amanhã e domingo na Póvoa do Varzim. "Se não houver uma solução até ao final de hoje [sexta-feira], o congresso poderá ser adiado." O que se con- ▸

manchete

Diário Notícias	Periodicidade: Diario	Temática: Política
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 2839
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
05-07-2013	Tiragem: 56361	Página (s): 1/2 a 5

Crise política

72 horas loucas de Portugal

Os últimos três dias deixaram o País em suspenso, com a atualidade política a dominar as conversas dos portugueses desde o pedido de demissão de Vítor Gaspar. Depois foi a vez de Paulo Portas pedir para sair. A crise política instalou-se e ainda não tem solução

15.59 2.ª-feira Gaspar sai

TSF noticia a demissão de **Vítor Gaspar**, ministro das Finanças. Poucos minutos depois a informação é confirmada oficialmente. Na carta de demissão enviada a Passos Coelho, Gaspar revela que já tinha pedido a demissão "urgente" há oito meses por sentir não ter condições para continuar.

17.00 Sucessor de Gaspar

A Presidência da República, numa nota no seu *site*, anuncia **Maria Luís Albuquerque** como substituta de Vítor Gaspar na pasta das Finanças. Albuquerque, então secretária de Estado do Tesouro, tinha sido a primeira convidada dos *briefings* diários do Governo conduzidos pelo secretário de Estado Pedro Lomba.

17.30 Passos Coelho elogia Gaspar

Numa nota divulgada à comunicação social, o gabinete do primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, elogiou **Vítor Gaspar,** afirmando que exerceu as funções de ministro de Estado e das Finanças com um "elevado sentido de Estado", agindo "em defesa do interesse nacional", com "total dedicação e lealdade".

17.35 Paulo Portas passa a n.º 2

Fonte do gabinete do primeiro-ministro revela que o ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros vai passar a número dois do Governo, com a exoneração de Vítor Gaspar. Neste dia, **Paulo Portas** não comentou publicamente a nomeação de Maria Luís Albuquerque, nem o facto de passar a ser o n.º 2.

firmou ao fim da noite. O partido decidiu convocar com urgência o Conselho Nacional para hoje à noite. A direção do CDS decidiu-se por esta via, em virtude de o primeiro-ministro ter dito que está a negociar uma solução que garanta o apoio ao governo, pelo facto de o Presidente da República ter divulgado que vai receber os partidos no início da próxima semana e porque o CDS precisa de ter condições para deliberar serenamente sobre esta matéria, decidir o adiamento do Congresso por duas semanas. Fonte do partido adiantou ao DN que, por agora, não há nenhuma alteração no que respeita à recandidatura de Paulo Portas à liderança do CDS.

Ontem à tarde, Pedro Passos Coelho frisou isto mesmo à saída de uma audiência com o Presidente da República, a demissão de Paulo Portas foi tomada a "nível pessoal" e não envolve o apoio do CDS ao Governo. E o próprio líder dos centristas afirmou que a mesma era "irrevogável". Em entrevista à Rádio Renascença, Luís Nobre Guedes, antigo dirigente nacional do CDS, resumiu desta forma o atual quadro para o CDS: "Ou o CDS está no Governo e ele [Paulo Portas] está, ou o CDS não está no Governo e ele não está, e se não estiver no Governo, creio eu, que o CDS, no mínimo, vai viabilizar o Governo, pelo menos, até ao fim" programa da *troika*".

> Passos vai voltar a reunir-se com Portas para chegar a um acordo final

Depois do encontro com o Presidente, Pedro Passos Coelho afirmou ir procurar "a melhor fórmula para resolver a situação" e confirmou que ainda irá "aprofundar" junto de Paulo Portas e do CDS "uma forma de garantir as condições necessárias". Traduzindo, o princípio de acordo, memorando de entendimento ou linhas gerais das conversas com Paulo Portas não satisfizeram por completo Cavaco Silva. O primeiro-ministro não apresentou em Belém os termos do novo acordo de coligação, por isso o Presidente não poderia tomar uma decisão definitiva sem conhecer "as condições" para que a estabilidade governativa. Pedro Passos Coelho adiantou ainda aos jornalistas ter-se comprometido com "o senhor dr. Paulo Portas, que é presidente do CDS-PP, a encontrar a melhor fórmula de garantir, tão rapidamente quanto possível perante o País, a solução para esta situação".

"Da minha parte, devo dizer ao País que, como primeiro-ministro, tudo farei para garantir as condições que são necessárias para que o Governo prossiga o seu trabalho em condições, como é obrigatório e patriótico, para conseguir cumprir o programa de assistência económica e financeira, garantir o regresso de Portugal a mercados, ainda que de forma apoiada, como todos esperamos, e conseguir que os esforços e sacrifícios realizados até hoje pelos portugueses possam ser premiados", disse o primeiro-ministro.

> O PS diz querer evitar a "agonia" do País, mas pede eleições

Tensão acumulada

Horas antes da reunião em Belém, Pedro Passos Coelho e Paulo Portas estiveram frente a frente para mais uma reunião de relançamento da coligação. Ao mesmo tempo que decorria o encontro, a TVI avançava com um eventual convite feito pelo primeiro-ministro a Portas para este subir a vice-primeiro-ministro na hierarquia do Governo. Alertado pelos seus colaboradores, o líder do CDS-PP terá mesmo ameaçado abandonar a reunião, considerando que a origem de tal notícia seriam pessoas próximas de Passos Coelho.

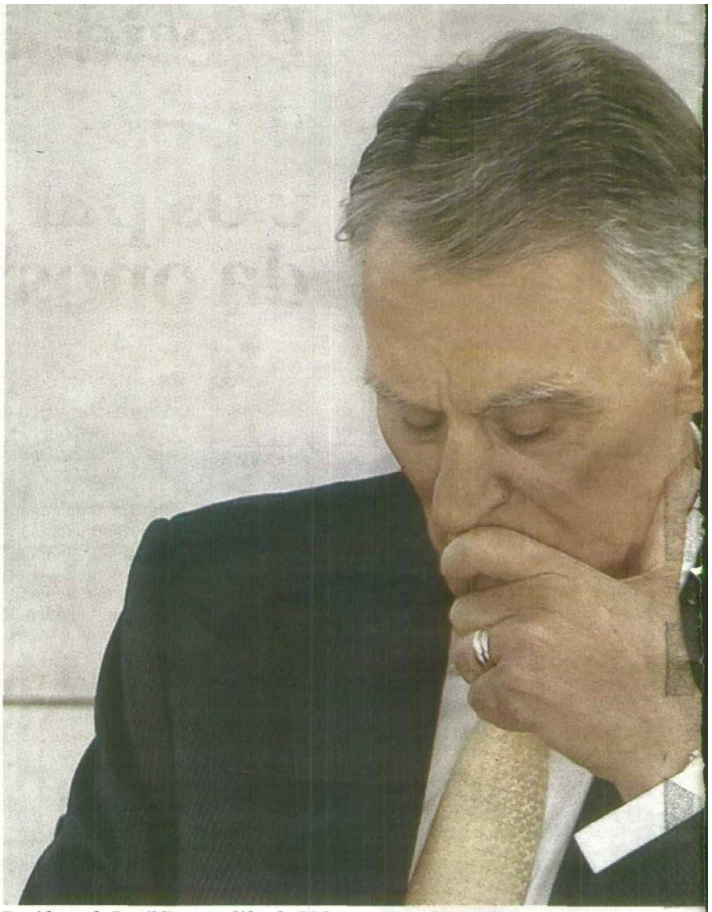
O clima de tensão entre Paulo Portas e Passos Coelho não é de agora. Ainda há poucas semanas, o semanário *Expresso* adiantou que ambos os líderes "mal se falavam". E ontem, em conversa com o DN, um destacado deputado do CDS, instado a comentar a atitude do líder em pedir a demissão, foi claro: "Há pessoas que só percebem as coisas à bruta", referindo-se ao facto de Paulo Portas quase ter sido obrigado a bater com a Porta para que Passos Coelho começasse a levar em conta as opiniões do CDS no que diz respeito à orgânica de governo e às políticas.

Socialistas observam ao longe

A assistir à turbulência na coligação está o PS. Ontem, os socialistas reuniram a Comissão Política Nacional para debater "o estado do País" e a crise governativa dos últimos dois dias, desencadeada pela demissão de Paulo Portas de ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, segundo adiantou à Lusa uma fonte socialista.

A Comissão Política do PS foi convocada na terça-feira pelo secretário-geral socialista após a demissão de Vítor Gaspar de ministro das Finanças e de António José Seguro ter pedido uma audiência com caráter de urgência ao Presidente da República.

Já na quarta-feira, após um encontro de mais de uma hora com o Chefe do Estado, no Palácio de Belém, o líder do PS criticou "a atitude profundamente irresponsável" do Governo e defendeu a realização de eleições legislativas antecipadas a 29 de setembro, o mesmo dia das autárquicas. Porém, António José Seguro está convencido de que Cavaco Silva só dará esse passo por sua iniciativa como o último dos últimos recursos ou caso o Governo perca a maioria parlamentar. Segundo um dirigente próximo de António José Seguro, o PS "não vai contribuir em nada para a crise, mas, sim, demonstrar que somos uma alternativa credível e estamos preparados para assumir as nossas responsabilidades".



Presidente da República quer líder do CDS presente no Governo

O que pensam os analistas

O impasse negocial entre PSD e CDS prejudica o entendimento e a viabilidade da coligação no futuro?

Carlos Jalali
POLITÓLOGO

"Em primeiro lugar, em Portugal nunca um governo de coligação chegou ao fim. Os últimos dias ainda vêm baixar as expectativas, que historicamente já eram baixas, de este Governo terminar o mandato. Se ultrapassarem esta crise, resta saber se esta deixará marcas e também quanto tempo demorarão a cicatrizar. O Presidente alargou o prazo, mas seja qualquer for o desfecho esta crise não deve passar do final da semana."

manchete

Diário Notícias

05-07-2013

Periodicidade: Diario
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 56361
Temática: Política
Dimensão: 2839
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/2 a 5

18.00 Socialistas reagem

Surgem as primeiras declarações de dirigentes do PS. A primeira posição foi transmitida pelo porta-voz do PS, **João Assunção Ribeiro**, que considerou a demissão de Gaspar um sinal de que o Governo caiu "definitivamente" e que a sua substituta no cargo "está ferida de credibilidade". PS exigiu a realização de eleições.

21.00 CDS reage

O CDS-PP, numa declaração escrita enviada à Lusa, reagiu à saída de Vítor Gaspar registando o "esforço" do ex-ministro das Finanças e a "tarefa muito difícil" que lhe coube, e assinalando que as "diferenças" que tiveram foram políticas e não pessoais. Paulo Portas, por seu lado, manteve o silêncio ao longo do dia.

22.00 Nova equipa das Finanças

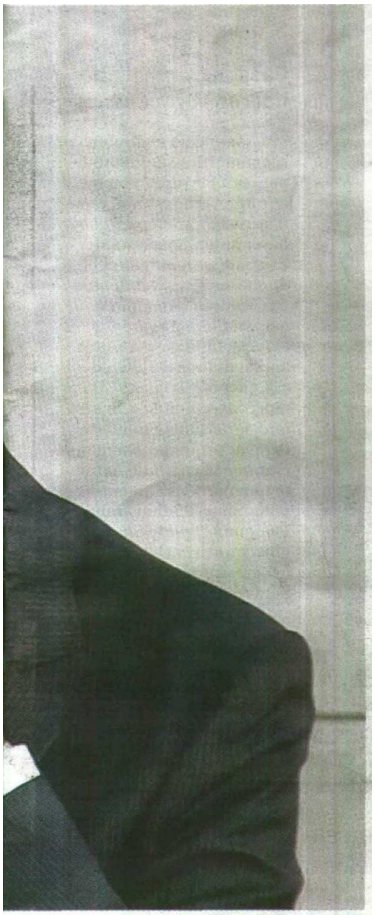
Lusa cita fonte do gabinete do primeiro-ministro e anuncia que a nova equipa das Finanças vai ter dois novos secretários de Estado, **Joaquim Pais Jorge**, responsável pelo Tesouro, e Hélder Reis, que substituirá Luís Morais Sarmento, tomando posse como secretário de Estado adjunto e do Orçamento.

24.00 CDS reúne-se durante a noite

O Conselho Nacional do CDS esteve reunido, mas **Paulo Portas** não comentou a remodelação governamental do dia nem comunicou a ninguém que se iria demitir. A agenda da reunião foi dominada pela aprovação de candidaturas autárquicas. Portas deixou a sede do partido, já depois da 01.00 da manhã.

16.00 3.ª-feira Portas demite-se

Paulo Portas, em comunicado, anuncia que apresentou a demissão por não concordar com a escolha de Maria Luís Albuquerque. "Expressei, atempadamente, este ponto de vista ao primeiro ministro que, ainda assim, confirmou a sua escolha [...]". Além disso, acrescentou que a sua decisão era "irrevogável". Pela manhã deste dia, antes de ser conhecido o pedido de demissão de Paulo Portas, **Cavaco Silva** disse não caber ao Presidente da República derrubar o Governo. "Uma força política que queira derrubar o Governo o que tem de fazer é apresentar uma moção de censura e não esperar que sejam outros a fazer aquilo que a ela compete", afirmou.



Presidente entre o pós-'troika' e os partidos da oposição

Belém. Presidente manteve a sua agenda virada para o futuro. Hoje reúne economistas para falar do crescimento do País. E só segunda-feira começa a ouvir os partidos

PAULA SÁ

No meio da crise política, que ainda está para resolver entre PSD e CDS, o Presidente da República mantém a sua agenda. Hoje promove um encontro com economistas para discutir o período pós-*troika* e perspetivas de crescimento económico.

Esta também é uma forma de o Presidente da República dar o sinal de que o futuro do País se sobrepõe aos problemas políticos de momento. A preocupação é também dar um sinal para o exterior, nomeadamente para os mercados que estiveram tão agitados nos últimos dias por causa da situação política nacional, de que há empenho nas instituições de pensar a trajetória de crescimento económico para o País.

No encontro denominado "Portugal no período pós-*troika*", que será aberto pelo Chefe do Estado, intervêm na abertura o governador do Banco de Portugal, Carlos Costa, e o diretor-geral dos Assuntos Económicos e Financeiros da Comissão Europeia, Marco Buti.

Neste encontro, que se realiza no Auditório do Palácio de Belém, estarão presentes economistas de "várias escolas de pensamento" de todas as universidades portuguesas, de empresas e da Comissão Europeia.

Nos últimos meses, o Presidente da República tem procurado abordar o tema nas mais altas instâncias europeias e mesmo internamente tem sido um dos assuntos dominantes das suas intervenções. Cavaco Silva promoveu recentemente reuniões com responsáveis políticos europeus e especialistas na área da economia, nacionais e estrangeiros.

O encontro de hoje permite também passar para o exterior a mensagem de que Portugal já está a equacionar o caminho após o ajustamento financeiro imposto pela *troika* e que tem provocado uma forte recessão no País.

Partidos em Belém

Dos economistas, Cavaco Silva faz uma pausa no fim de semana e será, certamente, um espectador atento do congresso do CDS, caso este se realize mesmo *(ver texto pág. 2)*, o que poderá acontecer ainda sem que a "fórmula" de uma nova coligação esteja encontrada entre Passos Coelho e Paulo Portas.

Segunda-feira, o PR começa então a primeira ronda de contactos com os partidos com assento parlamentar para os ouvir sobre a crise política e até quarta-feira deve ouvir mais algumas personalidades sobre o mesmo assunto.

O Presidente começa na segunda-feira por três partidos à esquerda, os Verdes, o Bloco e o PCP, e todos eles defendem a queda do Governo e eleições legislativas antecipadas. No dia seguinte deve ouvir os restantes partidos com assento parlamentar, incluindo o PS, apesar de ter ouvido na quarta-feira o líder do PS defender em Belém a mesma antecipação das eleições legislativas, que entende deveriam coincidir com data das eleições autárquicas, a 29 de setembro. Na melhor das hipóteses, Cavaco Silva só deverá pronunciar-se sobre a crise política dos últimos dias a partir de quarta-feira.

Adelino Maltez
POLITÓLOGO

› "Este é um momento de grande incerteza. A saída do número dois do Governo abriu um problema na coligação que não se resolve numas horitas, ainda por cima o primeiro-ministro veio cansado de Bruxelas. O dado relevante do dia é a intervenção do presidente do Banco Central Europeu, que revela que a crise política portuguesa é um perigo para a Zona Euro. A questão não é uma mera coligação, é a Europa que está em jogo."

AUDIÊNCIAS

Seguro na quarta, Passos na quinta

› **O Presidente recebeu António José Seguro na quarta-feira, depois de o secretário-geral do PS lhe ter pedido uma audiência de urgência por causa da demissão de Paulo Portas. À saída de Belém, Seguro defendeu eleições antecipadas, um cenário que já vinha a reclamar mesmo antes da crise no Governo. Ontem o Presidente manteve a agenda habitual das quintas-feiras e recebeu o primeiro-ministro, que levava um único ponto de agenda: a crise na coligação.**

OPINIÃO

Astros e equídeos

PEDRO MARQUES LOPES
Gestor

No fim do Conselho de Ministros de ontem, Marques Guedes tinha importantes declarações a fazer. Informou-nos que o Governo tinha aprovado novas regras para a classificação dos equídeos e, respondendo a perguntas dos jornalistas sobre a actual solução política, falou sobre astrologia. Afinal, ainda há alguém no Governo que consegue dizer alguma coisa que faça sentido. Mais, sabemos que alguém ainda está a governar, talvez existam assuntos mais importantes do que a classificação equídea mas não se pode pedir muito mais.

Sim, talvez num momento em que assistimos à exibição da mais profunda incompetência e do maior desprezo pelos cidadãos por parte de umas pessoas que de políticos só têm o cartão e de governantes só têm a bandeirinha na lapela, tentar um sorriso não seja o mais recomendado.

Sim, talvez sorrir não seja a melhor opção quando precisamos de estabilidade e o Governo é o maior agente de instabilidade; quando um primeiro-ministro de um Governo de coligação e em circunstâncias terríveis se comporta como alguém que com a saída do verdadeiro chefe precisa de afirmar a sua autoridade; quando um ministro de Estado um dia diz que a sua presença no Governo é politicamente insustentável e um acto de dissimulação e no outro dia negoceia a sua permanência no Governo ou a do partido que lidera ou um simples apoio parlamentar que seja. Sorrir é capaz de não ser apropriado quando as instituições não estão a funcionar regularmente e a instituição que tem de assegurar o bom funcionamento das outras ainda consegue levantar a hipótese de manter este Governo que exibe este penoso espectáculo a que assistimos envergonhados.

Mas talvez, como cantava o Cartola, seja melhor sorrir para não chorar.